ISSN: 2176-5960
Προμηθεύς
Journal of Philosophy
n. 48 Maio- Agosto de 2025

DOSSIÊ DEGLUTINDO A NACIONALIDADE DO PENSAMENTO DO SUL GLOBAL

Este dossiê é composto de 15 artigos que versam sobre o pensamento do Sul Global, cujas contribuições são cruciais para a análise das estruturas, dos dilemas e das possibilidades de emancipação dos países que compõem o Sul Global. A discussão sobre o pensamento e os problemas do Sul Global é crucial porque opera uma necessária descentralização epistemológica e política no estudo acadêmico, pois ao dar voz às perspectivas, teorias e experiências dos países e grupos marginalizados e historicamente colonizados desafia-se a hegemonia epistêmica eurocêntrica que tradicionalmente moldou os conceitos de modernidade, progresso e futuro. Discutir o Sul Global não é apenas reconhecer a existência de problemas como a desigualdade estrutural, a crise climática e as injustiças econômicas, mas também defender que os desafios globais só serão possíveis de serem enfrentados ao incluir as visões de mundo de povos indígenas, quilombolas e nações exploradas e marginalizadas por séculos de políticas imperialistas.

O primeiro artigo de Gabriel Dalpiaz e Kauê Lopes, intitulado **"A categoria de nacionalidade no sul global"** analisa a relevância ontológica da categoria de nacionalidade no contexto do Sul Global, utilizando como eixo teórico central a obra *Consciência e realidade nacional* de Álvaro Vieira Pinto. Postula-se que, enquanto a nação foi historicamente concebida como vetor de emancipação para o Sul Global, as persistentes barreiras estruturais e as contradições entre nacionalismo e imperialismo impedem a consolidação desses países como potências industriais, impactando negativamente as relações de produção e a qualidade de vida. Os objetivos específicos da investigação centraram-se na inteligibilidade dos conceitos, na análise da gênese da

consciência nacional, na delimitação das contradições inerentes a este processo e na identificação das razões pelas quais a nação se manifesta como um vir-a-ser contínuo.

Já o artigo de Ricardo Valim, intitulado **"Superar a fixação em identidades epistemológicas rígidas: por um pensamento fluido, plural e inventivo"** desenvolve uma reflexão crítica acerca das implicações da rigidez identitária epistemológica no âmbito do Sul Global. Argumenta-se que, a despeito da importância crucial do reconhecimento das epistemologias marginalizadas para o processo de decolonização do saber, a sua cristalização em categorias fixas e imutáveis tende a restringir o potencial de diálogo e transformação intrínseco a essas formas de conhecimento. Em contraposição, o trabalho propõe a adoção de um pensamento fluido, plural e inventivo que, embora reconheça e valorize as raízes históricas e culturais do Sul Global, não se subordina a elas. Tal abordagem visa fomentar a emergência de novas construções cognitivas e práticas sociais, promovendo uma dinâmica de conhecimento mais adaptável e emancipadora.

No artigo "**Entre feridas e cicatrizes latino-americanas: @s mapuches**" a professora Yolanda Muñoz faz um relato de vivências pessoais e pontuais situadas no contexto latino-americano, estabelecendo uma ponte alquímico-narrativa entre Chile e Brasil centrada na temática Mapuche. A primeira seção, intitulada "I Lembranças com irrupções de formação e desinformação", introduz essa vivência como catalisadora de uma pesquisa incipiente, demarcando seus caminhos e desvios iniciais. Posteriormente, na seção "II Escutando palavras indígenas", o estudo recorre a artigos contemporâneos para contextualizar as feridas históricas e atuais expressas por poetas Mapuches. Por fim, a seção "III Lampejos reflexivos dos mapuches e sobre @s mapuches" seleciona fragmentos reflexivos de estudos atuais, visando expor a complexidade, a diversidade e os conflitos inerentes a essa temática.

Seguindo os passos sobre as cosmovisões indígenas, no artigo "**A ecologia yanomami contra o desenvolvimentismo: cosmopolítica, floresta e suficiência intensiva**" Guilherme Prado, Artur Domingos e Nicolle Alencar realizam um ensaio por meio de uma leitura crítica de eventos contemporâneos, como a COP30 e a legislação como o PL 2.159/2021, o texto demonstra como as políticas estatais exacerbam a devastação da floresta e a subsequente marginalização das populações originárias. Em contrapartida, é apresentada a cosmopolítica Yanomami, onde natureza, cultura e espiritualidade são indissociáveis, e a floresta é concebida como um organismo vivo fundamentado na reciprocidade e interdependência entre seres humanos e extra-humanos.

Fundamentado nas palavras de Davi Kopenawa e no perspectivismo ameríndio, o artigo propõe uma ecologia perspectivista contra o Estado, estabelecendo-se como uma crítica ao extrativismo colonial e ao antropocentrismo, e defendendo uma ética da suficiência intensiva em prol de alianças cosmopolíticas com a floresta.

O artigo "***SentisPraxisPensares*: la construcción de las subjetividades sociales en latinoamérica entre el romanticismo y la melancolía**" elaborado por Cesar Miguel Salinas Ramos se propõe a realizar uma análise crítica multifacetada da modernidade latino-americana, culminando na exploração de rotas para transições emancipatórias. Inicialmente, o texto problematiza as características centrais da modernidade no contexto regional e, subsequentemente, estabelece um diálogo teórico-crítico abrangente que engloba o marxismo heterodoxo europeu e latino-americano, a decolonialidade, os feminismos comunitários e a teologia da libertação. A análise prossegue com a caracterização das teorias produzidas localmente na tensão entre o romantismo e a melancolia. Utilizando uma metodologia de leitura aprofundada de autores clássicos e seus comentadores, o estudo conclui que as subjetividades sociais se forjam em uma interação dinâmica de sentires, práticas e pensares (denominada *SentisPraxisPensares*). Essa interação, sob uma ótica emancipadora, orienta-se à sanidade, ao cuidado e ao desfrute dos 'Buenos Vivires' como resultado de um processo de transformação social.

Ainda na linha sobre o pensamento latino-americano, "**Território, ciência e resistência: práticas agronômicas e o papel das universidades públicas na reconstrução do pensamento latino-americano"** de Lucas Lenin de Assis e Juliano Batista Romualdo analisam o papel da universidade pública latino-americana como um campo de disputa cosmopolítico entre modelos agronômicos antagônicos. De um lado, confronta-se a lógica produtivista e tecnocrática do agronegócio, alinhada ao capital global, e, de outro, as experiências de agroecologia e extensão comprometidas com os saberes dos povos do campo e a construção de alternativas de desenvolvimento rural. Por meio de uma abordagem qualitativa que incluiu análise documental e estudos de caso em cursos de Agronomia, o estudo demonstra que os núcleos agroecológicos e coletivos universitários têm promovido uma ressignificação institucional ao estabelecerem vínculos com movimentos sociais. Essa articulação tensiona os currículos tecnicistas e fortalece a coprodução de conhecimento situado. Conclui-se que a extensão crítica, inspirada na educação popular freireana, emerge como um instrumento de resistência epistêmica que reposiciona os territórios como espaços pedagógicos e políticos,

afirmando o potencial da universidade pública para a reconstrução das epistemologias do Sul e para a promoção da soberania alimentar e da sustentabilidade.

Continuando abordando o tema da educação, a pesquisadora Priscila Cupello no artigo "**A governamentalidade neoliberal e a concentração de mercado no ensino superior: um diagnóstico crítico dos impactos da financeirização da educação no Brasil (2007-2020**)" analisa a financeirização do Ensino Superior no contexto da governamentalidade neoliberal brasileira. A pesquisa constrói uma "formação discursiva" a partir de um *corpus* documental heterogêneo, que engloba dados quantitativos do INEP, discursos jornalísticos e fontes jurídicas (leis e regulamentos), com um recorte temporal que abrange 2007 (marcado pela abertura de capital da primeira instituição educacional na Bolsa de Valores) a 2020 (ano em que o Ensino a Distância — EAD — superou o presencial, caracterizando a "plataformização da educação"). O objetivo central é discutir de que forma as políticas públicas contribuíram para a intensificação do empresariamento da educação, fenômeno que tem acarretado a precarização do trabalho docente e o endividamento estudantil.

O pesquisador Emmanoel Boff no artigo intitulado "**Adam Smith nos trópicos: é possível compreender o homem cordial a partir de uma teoria dos sentimentos morais?"** propõe uma leitura antropofágica da filosofia moral de Adam Smith — notadamente a *Teoria dos Sentimentos Morais* e a *Riqueza das Nações* — com o objetivo de compreender o "homem cordial" de Sérgio Buarque de Holanda. O argumento central é que a "simpatia dividida", inerente às sociedades brasileiras miscigenadas, escravocratas e hierarquizadas, resultou na formação de um espectador imparcial fraturado, incapaz de aderir aos padrões impessoais de justiça e competição de matriz iluminista europeia. Essa falha consolida a cordialidade como forma de convívio hegemônica, dificultando a distinção entre as esferas pública e privada e perpetuando a corrupção e a desigualdade. Não obstante, o texto sugere que práticas culturais populares podem atuar como "escolas informais de gosto" (em sentido smithiano), capazes de ampliar a capacidade de simpatia e catalisar formas de convívio que apontam para um cosmopolitismo enraizado a partir do Sul, oferecendo um caminho crítico para repensar as possibilidades morais e institucionais do desenvolvimento brasileiro.

No artigo "**Carne: uma refeição totêmica"** os autores Bruno Rosário, Leandro Gaffo e Leonardo Finelli desenvolvem uma reflexão crítica sobre o consumo de carne

bovina a partir de uma perspectiva psicanalítica. Utilizando como referência a obra "Totem e Tabu" de Sigmund Freud, a pesquisa analisa a carne como um referencial simbólico intimamente ligado ao desejo humano, aproximando-se da noção lacaniana de objeto *a*. A discussão se concentra no desejo inconsciente pela força e virilidade simbolicamente associadas à figura do pai mítico da horda primitiva. O argumento central é que essa forte carga simbólica e afetiva da carne atua como um fator de proteção cultural, garantindo sua permanência no cotidiano do sujeito moderno e neutralizando as preocupações ambientais, apesar do evidente prejuízo ecológico de sua produção. Conclui-se que os sentidos atribuídos à carne transcendem sua função meramente nutricional, sustentando práticas de consumo que possuem um impacto direto e significativo sobre o meio ambiente.

Já Bruno Pettersen no artigo **"Ceticismo brasileiro? a obra de Oswaldo Porchat e o ceticismo antropofágico"** propõe uma inflexão interpretativa sobre o pensamento de Oswaldo Porchat, figura proeminente da filosofia brasileira do século XX, cuja leitura do ceticismo pirrônico enfatiza a suspensão do juízo. Contrariando a análise restrita ao ceticismo clássico (ancorado em Sexto Empírico), o estudo busca compreender a filosofia de Porchat a partir de suas conexões com a cultura brasileira. Para tal, mobiliza o conceito de antropofagia cultural e a obra de Darcy Ribeiro, que concebe o Brasil como uma síntese tensa de matrizes civilizatórias. O artigo sustenta que o ceticismo de Porchat, ao evitar dogmatismos e lidar com a incerteza, pode ser lido como a expressão filosófica de uma sensibilidade culturalmente forjada, oferecendo um caminho original para a formulação de um ceticismo com feição brasileira.

No artigo "**Brasis e ContraBrasis para Marilena Chaui: o humor, a ironia e a indignação de uma filosofia universalmente brasileira",** o professor Benito Maeso argumenta que as discussões contemporâneas sobre a natureza da filosofia e do pensamento brasileiros negligenciam uma tradição intelectual estabelecida nos séculos XIX e XX, incorrendo em duas falácias: o endosso de um pensamento "heroico" que reitera o domínio colonial europeizado, ou a promoção utópica de uma filosofia autóctone descontextualizada. O autor propõe que essa última ideia, embora sedutora, representa um retorno ao conceito de mito fundador cunhado por Marilena Chaui, uma figura central nesse debate. O objetivo primordial do estudo é reconstruir criticamente a gênese desse conceito e ressaltar o papel crucial de Chaui no desenvolvimento de um pensamento

autenticamente brasileiro. Adicionalmente, o artigo analisa como o mito fundador permanece ativo, perpassando não apenas as relações políticas e sociais de um país marcado pela desigualdade e violência, mas também as proposições intelectuais de todo o espectro político.

No artigo "**Deglutição e antropofagia na brasilidade modernista: artes e modos de vida"** Flávia Lemos, Manoel Moraes e Ciro Lopes propõem uma análise da antropofagia modernista brasileira a partir de uma perspectiva da história cultural, articulando-a com a antropologia e as artes. A ideia central é conceber o ato de "deglutir" e a "elaboração" como uma prática de invenção e luta contra as colonialidades, manifestando-se em processos éticos, estéticos e políticos que constroem modos de vida singulares e formas de subjetivação. Essa prática se estabelece por meio de relações dialógicas com saberes locais e alteridades, resistindo à sucumbência aos modelos externos. O trabalho opera, portanto, uma inflexão crítica às visões nacionalistas e essencialistas de identidade, enfatizando a singularidade como processo de diferenciação e revolução molecular dentro da prática anticolonial do modernismo. Em última análise, o artigo conclui que a antropofagia, entendida como arte de fazer e operação historiográfica, constitui um campo de possibilidade para a elaboração dos múltiplos "brasis" e para o devir "brasiliano".

Os pesquisadores Filipe Ceppas e David Campos Castro no artigo **"Notas sobre o matriarcado: Oswald de Andrade leitor de Bachofen e Engels"** exploraram criticamente o conceito oswaldiano de Matriarcado, analisando a influência decisiva dos pensamentos de Johann Jakob Bachofen e de Friedrich Engels. O estudo detalha como Oswald de Andrade aproveita aspectos do Matriarcado primitivo de Bachofen, como a noção de matrilinearidade, a promiscuidade originária e a reinterpretação do mito de Orestes como marco da revolução patriarcal. Contudo, o texto sustenta que a leitura materialista de Engels opera como um filtro mediador fundamental, pois permite a Oswald descartar o aparato místico-religioso de Bachofen para formular um Matriarcado com um núcleo-duro político e social. Nesse conceito reconfigurado, a matrilinearidade é centralmente articulada com a oposição à propriedade privada e à herança, reposicionando a noção como ferramenta crítica e moderna.

Já no artigo "**Deglutição e antropofagia em Oswald de Andrade: perspectivismo, anticolonialidade e o pensamento da diferença**" os professores Flávia

Lemos, Flávio Freitas e Diego Cavalcante realizam uma análise do pensamento da diferença articulando a deglutição e a devoração antropofágica com o perspectivismo como estratégia de resistência anticolonial. A investigação se baseia no Movimento Modernista de Oswald de Andrade, notadamente nos Manifestos Pau-Brasil e Antropofágico, utilizando conceitos de nomadismo, caosmose, transversalidade e geofilosofia para sublinhar a diferenciação. Saberes locais, insurgências modernistas e a produção da diferença são empregados como moduladores analíticos para questionar modos de vida calcados em identidades, essencialismos e sectarismos. Ao mobilizar o pensar como força-fluxo de deglutição crítica nas linguagens, o estudo visa colocar em xeque o controle sobre a língua e os corpos. Conclui-se que as artes modernistas, interpretadas à luz de Deleuze e Guattari, podem impulsionar elaborações de subjetivações em insurreição, promovendo ressonâncias e passagens éticas, estéticas e políticas.

No artigo "**Proposições e reflexões antropofágicas - entrelaços e costuras de fragmentos da dramaturgia de Hilda Hilst: entre ensaios, artistagens e aproximações"** o autor Tárcio Gustavo da Silva elabora um ensaio-devir que se propõe a explorar os encontros e agenciamentos oriundos da leitura da obra dramatúrgica de Hilda Hilst, articulando-a com múltiplos campos conceituais, como o movimento antropofágico, a escatologia colonial e a filosofia pós-estruturalista. O texto adota uma escrita experimental que rejeita as premissas da ciência positivista, a linearidade temporal e as certezas ontológicas. Sua intenção primordial é causar incômodo e tensionamento, evidenciando as capilaridades microfascistas que regem as existências. Em última instância, o estudo busca abrir possibilidades e modos alternativos de afetar diversos domínios do saber, valorizando aquilo que escapa às representações convencionais e à rigidez formal.

Este dossiê se estabelece como um instrumento acadêmico crucial para a expansão e o aprofundamento do debate sobre o Pensamento do Sul Global. Sua importância reside na capacidade de descentralizar as narrativas hegemônicas, abrindo espaço para a articulação de conceitos, teorias e experiências originárias dos países periféricos. Ao trazer para o diálogo e a reflexão as vozes historicamente marginalizadas, incluindo povos originários, comunidades subalternas e perspectivas epistemológicas não-eurocêntricas. O dossiê não apenas enriquece o campo intelectual, mas também

cumpre um papel político fundamental: o de legitimar e impulsionar a resistência anticolonial e as propostas emancipatórias do Sul Global.

Priscila Cupello

Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisadora de pós-doutorado com Bolsa FAPERJ Nota10 (Processo SEI E-26/204.479/2021) e criadora do Canal de YouTube Parresiando.